



**CENTRO DE PESQUISAS ESTRATÉGICAS
“PAULINO SOARES DE SOUSA”
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

UM LIBERAL PORTUGUÊS DO SÉCULO XX: FIDELINO DE SOUZA FIGUEIREDO (1888-1967)



Ricardo Vélez Rodríguez

Coordenador do Centro de Pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Sousa”, da UFJF.

Membro do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira - Lisboa.
rive2001@gmail.com

A chamada *geração de 98* não foi um fenômeno cultural restrito à Espanha. Houve, também, portugueses que participaram de movimento de idéias semelhante. Um deles foi, sem dúvida, Sampaio Bruno (1857-1915), espírito liberal e antipositivista convicto. O mais importante representante português da geração de 98 seria, no entanto, Fidelino de Figueiredo (1888-1967). Um representante tardio, influenciado especialmente por Miguel de Unamuno (1864-1936).

Os traços marcantes dessa geração em Portugal lembram, como, aliás, aconteceu também com a sua correspondente espanhola, o movimento de idéias de 70. Em Portugal, esse movimento centrou-se nas famosas *Conferências do Cassino*, nas quais Antero de Quental (1842-1891) pôs a nu a negativa herança do absolutismo luso, portador, como diria mais tarde o próprio Fidelino de Figueiredo, de tacanha *alfândega cultural*, que fechou o país à ciência moderna e à democracia.

A *geração de 98* espanhola filiou-se, também, a essa herança liberal de crítica às arcaicas instituições, que Azorín qualificou genericamente como *lo viejo*. O que é isso? Ouçamos o próprio Azorín, no seu famoso artigo de 10 de fevereiro de 1913, publicado no jornal *ABC*: "Lo viejo (...) es lo que no ha tenido nunca consistencia de realidad, o lo que habiéndola tenido un momento, ha dejado de tenerla para ajarse y carcomerse. Lo viejo son también las prácticas viciosas de nuestra política, las corruptelas administrativas, la incompetencia, el chanchullo, el nepotismo, el caciquismo, la verborrea, el *mañana*, la trapacería parlamentaria, el atraco en forma de discurso grandilocuente, las *conveniencias políticas* que hacen desviarse de su marcha a los espíritus bien inclinados, las elecciones falseadas, los consejos y cargos de grandes Compañías puestos en manos de personajes influyentes, los engranajes burocráticos inútiles, todo el denso e irrompible ambiente, en fin, contra el cual ha protestado la generación de 1898, pero cuya protesta ha sido preparada, elaborada, hecha inevitable por la crítica de la generación anterior".

Miguel de Unamuno destacou-se como o abandeirado da liberdade da geração de 98. O exílio em Madri, a que foi submetido Fidelino de Figueiredo por causa do seu espírito liberal, permitiu-lhe conhecer a obra do pensador espanhol, com quem desenvolveu ampla correspondência, tendo recebido dele, sem dúvida, a inspiração para a sua concepção agônica da existência, bem como a feição de *sentidor* que caracteriza a sua autobiografia interna. Da sua estada em Madri e da influência ali recebida de Unamuno, Fidelino de Figueiredo trouxe, como destacou com propriedade António Quadros, no verbete que lhe dedicou na *Enciclopédia Lógos*, "(...) além de diversos trabalhos sobre a cultura do país vizinho, o livro *As duas Espanhas* (1931), onde concluía haver *na essência da civilização hispânica um princípio de luta*, constituído pela oposição permanente entre a *variedade centrífuga* e a *unificação centrípeta*, entre a heterodoxia e o filipismo. Profeta (pois a guerra civil só estalaria alguns anos mais tarde), Fidelino de Figueiredo analisa *as duas Espanhas inconciliáveis, mas indispensáveis uma à outra, como as duas metades duma concha bivalve*, apontando que *do seu encontro e permanente estado de guerra é que chispa a criação espanhola, nacionalmente espanhola*, e acentuando aliás que Portugal, pelo mar *arredado para sempre da massa continental ibérica, país atlântico (...) não forma parte de nenhuma das duas Espanhas*".



O jovem Fidelino de Figueiredo.

O objetivo desta apresentação é simples: traçar, à maneira unamuniana, a *biografia interior* de Fidelino de Figueiredo. Para cumprir com essa meta, quatro pontos serão desenvolvidos: 1) alguns dados da sua vida intelectual; 2) aspectos da infância e da primeira formação na escola; 3) sensibilidade estética e 4) a sua valorização da amizade.

1) Alguns dados da vida intelectual de Fidelino Figueiredo

Fidelino de Souza Figueiredo nasceu em Lisboa em 1888 e morreu na mesma cidade em 1967. Desde muito cedo travou relação com as mais importantes figuras do mundo literário português e estrangeiro, como testemunha a sua copiosa correspondência. A sua vinculação intelectual ao Brasil é temprana. Já em 1913, como se deduz de sua correspondência com Max Fleuiss, Secretário Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ingressava nessa instituição. A candidatura do escritor foi proposta nesse ano a 22 de abril, sendo relator Augusto Olympio Viveiros de Castro. O Comissário Especial em Lisboa do Instituto, Victor Ribeiro, foi quem redigiu a proposta favorável a Fidelino Figueiredo e obteve o apoio do Secretário Perpétuo, Max Fleuiss, de Sebastião de Vasconcellos Galvão e de Pedro Bueno Souto Maior. As vagas de sócios correspondentes foram preenchidas, além de Fidelino, pelos escritores David de Mello López, Pedro de Azeredo e John Casper Branner. Fidelino Figueiredo tinha anteriormente solicitado o seu ingresso no Instituto, em maio de 1912, em carta dirigida a Max Fleuiss, que acompanhou de dois escritos seus *O espírito histórico* e *A crítica literária em Portugal*.

Um período importante na evolução intelectual de Fidelino de Figueiredo é marcado pela sua permanência na Espanha, entre 1927 e 1929, a partir do seu desterro de Portugal, motivado pelo sectarismo político então reinante. Julio García Morejón salienta assim as origens do profundo hispanismo que desde cedo empolgou a Fidelino: "El hispanismo de Fidelino de Figueiredo oculta hondas raíces. Discípulo de los historiadores y críticos que arrancan de la renovación ejercida por Menéndez y Pelayo, fué el primer heraldo en Portugal de los avances para la Junta de Ampliación de Estudios, cuyo funcionamiento fué a estudiar a Madrid en 1913, y de la que dijo que significaba *uma nova era na história da Espanha culta, porque iniciou a renovação intelectual deste país*. No sabemos si antes de 1913 se le ofreció ocasión de establecer contactos estrechos con esta cultura, lo que nos obliga a situar al rededor de dos fechas su quehacer y su entusiasmo hispánico. Una, la citada en 1913, momento en que recoge las ideas que lanzan al terreno de la cultura hombres extraordinarios, como don Ramón Menéndez Pidal, Ramón y Cajal y Rafael Altamira, entre otros; y outra, la de 1927, fecha en que, merced a avatares políticos, se refugia en Madrid, hasta el mes de julio de 1929, en que termina su exilio" [García Morejón, 1976: 15].



Antero de Quental (1842-1891), cuja obra influenciou no pensamento de Fidelino de Figueiredo.

Em Madrid foi professor de literatura portuguesa e espanhola na Universidade Central [cf. Amora, 1979]. Julio García Morejón refere assim a entrada de Fidelino de Figueiredo na Espanha e a sua motivação: "En 1927 (...) entra Fidelino de Figueiredo en España, tras una dolorosa romería por las colonias de Portugal localizadas en el Africa occidental. Llega a Bordeaux y el profesor Cirot le invita a ir a París. El ensayista portugués le responde lo que, en situación semejante, acaba de responder don Miguel de Unamuno a la llamada de amigos franceses, y se instala en Madrid, desde donde le será más fácil sentir el pulso de su Patria, el sonido de la outra campana ibérica. Sus primeras *agonías* las colecciona en uno de sus mejores libros, que tiene mucho de *nivola* unamuniana y que nos lleva hasta el contradictorio escritor vasco desde el título: *Um coleccionador de angústias*" [García Morejón, 1967: 17-18].

O fato de ter saído desterrado da sua pátria, por motivos de sectarismo político, condicionará fortemente a feição antipartidista da sua obra intelectual. Fidelino insistirá, até o final da sua vida, na necessidade de o intelectual superar os estreitos limites dos condicionamentos partidários. E criticará severamente a obra dos intelectuais engajados no sectarismo político, como Teófilo Braga, por exemplo.

Na primavera de 1931 Fidelino de Figueiredo faz a sua primeira viagem aos Estados Unidos. Na Stanford University pronunciou uma memorável conferência sobre a interpretação da história espanhola. De volta a Portugal, desenvolveu essa análise em livro que foi a base das três preleções que proferiu no Instituto de Altos Estudos, da Academia das Ciências (à qual pertenceu durante trinta anos), em janeiro de 1932. A sua obra *As duas Espanhas* constitui uma das mais profundas análises da história cultural da Espanha.

Em 1936, Fidelino faz a sua segunda viagem aos Estados Unidos. Numa série de conferências que pronunciou na Columbia University de Nova Iorque, o autor ampliou a sua concepção do caráter espanhol num estudo

comparativo projetado sobre as literaturas espanhola e portuguesa, que constituiu a sua obra *Pyrenne*.

Em 1942, Fidelino de Figueiredo ingressa na Academia Brasileira de Letras. Manuel Bandeira, grande amigo do escritor português, relata a forma em que aconteceu o ingresso de Fidelino na Academia, em carta dirigida a ele em 30/8/42. Eis o relato do poeta, carregado de humor brasileiro: "Minha querida vítima: Desde o caso da eleição do Leitão me sinto envergonhado diante do meu excelente mestre Fidelino. Também jurei que nunca mais exporia um amigo ao aborrecimento de se ver preterido por um leitão no conceito de uma trompa de cavalos. Foi por isso que não ousei apresentar o seu nome na eleição passada, na qual não teve competidor o Egas Moniz, proposto pelo Aloísio de Castro. Desta vez o principal responsável pela sua candidatura foi o Alceu (Amoroso Lima). Fidelino teve por competidor, apresentado pelo Roquette Pinto, o Mendes Correia. Não se pediu voto a ninguém e, francamente, eu não esperava que o seu nome fosse o escolhido. Na discussão do parecer da comissão informadora o padre Serafim, com aquele ar pouquíssimo jesuíta de ex-seringueiro da Amazônia, provocou uma verdadeira tempestade pronunciando umas quatro palavras em que dizia não poder compreender que se estabelecesse comparação entre o grande Fidelino e o Mendes Correia (...). O Roquette Pinto aparteou, o Gustavo Barroso começou a desacatar o padre, eu aparteava, o Clementino chamou o Barroso de intolerante, o outro quis brigar, eu aparteava, o Barroso respondeu muito academicamente *vá lamber sabão*, que beleza! E na sessão seguinte, já encerrada a discussão, apareceu o Ribeiro Couto, com cara de quem não quer nada, lendo no expediente trechos de um artigo racista do Mendes Correia... Quando dei por mim, estava eleito o meu querido amigo e mestre Fidelino".

Fidelino de Figueiredo entregou treze anos da sua maturidade intelectual ao Brasil, entre 1938 e 1951. Esse fato reveste capital importância, pois foi profunda a marca que deixou aqui, particularmente na USP, onde dirigiu a cadeira de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Teve discípulos eminentes como o professor Antônio Soares Amora, quem casou com a filha de Fidelino, dona Helena, e sucedeu o mestre na direção da cadeira de Literatura Portuguesa. Vale a pena mencionar o extraordinário projeto que o sucessor cultural de Fidelino de Figueiredo no Brasil adiantou, quando esteve à frente da Fundação Padre Anchieta em São Paulo, no terreno do ensino secundário desescolarizado. Refiro-me ao *Telecurso Segundo Grau*, que foi desenvolvido em colaboração com a Fundação Roberto Marinho. Essa realização insere-se, sem dúvida, dentro do espírito do mestre português quem, reconhecendo a crise do ensino institucional, mostrou-se muito simpático diante das idéias renovadoras no terreno educacional. Foi notável, por exemplo, o seu entusiasmo diante de uma iniciativa renovadora como a Institución Libre de Enseñanza, inspirada na Espanha por Francisco Giner de los Ríos [1969]. Outros discípulos de renome de Fidelino de Figueiredo no Brasil são os professores Segismundo Spina e Massaud Moisés. Este último tem desenvolvido meritório trabalho de difusão

das letras portuguesas, como titular da cadeira de Literatura Portuguesa e como diretor do Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo.

Fato importante das relações intelectuais e humanas de Fidelino com o Brasil, foi a doação da sua correspondência passiva ao Centro de Estudos Portugueses da USP. Nos seus últimos anos em Lisboa, Fidelino teve a idéia de queimar a sua correspondência passiva. Segundo testemunho do professor Soares Amora [1979], a tentativa foi simplesmente fruto do cansaço e da própria doença que o afetava. "Ele queria simplificar as coisas, devido à mudança de residência", frisa o professor Amora. A filha do escritor, dona Helena, e o professor Amora contribuíram para salvar da destruição esse valioso acervo, cuja sistematização foi feita por Herti Hoepfner Ferreira, com a colaboração deles.

Em relação aos motivos que levaram Fidelino a pensar em destruir a correspondência passiva, Herti Hoepfner dá o seguinte testemunho: "Esta correspondência (...) tem uma história que é necessário resumidamente relatar: um dia, na sua quinta, em Covas de Ferro (Portugal), Fidelino de Figueiredo resolveu fazer uma seleção destes velhos escritos. Releu-os, e nesta altura -- diz ele -- *a emoção do contraste entre o que de mim presumiam os amigos e o pouquíssimo que fui, perturbou-me tanto, que numa fúria destrui grandes maços de cartas. Agravou a situação o despertar de recordações amargas. Então salvou o restante minha filha Helena, levando-o para São Paulo. Eu havia guardado aquilo, não por vaidade, mas por gratidão e respeito pelos signatários*" [Apud García Morejón, 1967: 68].

Segundo a organizadora da correspondência passiva de Fidelino de Figueiredo, várias razões o levaram a doá-la ao Brasil: "(...) aqui vivem os descendentes da família, os continuadores de seu trabalho; aqui se prolonga a história e a língua da terra de nascimento; aqui se encerrou sua longa e notável carreira universitária, depois de treze anos na direção da cadeira de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (...)".

A correspondência passiva de Fidelino de Figueiredo consta de 11.500 espécies e o catálogo completo foi publicado na obra de Julio García Morejón [1967: 77-111], *Dos coleccionadores de angustias*. As cartas começam em 1907 e vêm até 1964, segundo Herti Hoepfner Ferreira. Olhando um pouco ao acaso o acervo epistolar, achamos cartas de Amado Alonso, Dámaso Alonso, Rafael Altamira, Fernando de Azevedo, Manuel Bandeira, Gustavo Barroso, Roger Bastide, Clóvis Bevilacqua, Adolfo Bonilla y San Martín, Pedro Calmon, Francisco Campos, Joaquim de Carvalho, Joaquim Montezuma de Carvalho, Ronald de Carvalho, Luís da Câmara Cascudo, Américo Castro, Hernani Cidade, Alexandre Correia, João Cruz Costa, Afranio Coutinho, Benedetto Croce, John Dewey, Guillermo Díaz-Plaja, Georges Duhamel, Jackson de Figueiredo, Leonel Franca, Gilberto Freyre,

José Ingenieros, Dom Manuel II de Orléans e Bragança, Oliveira Martins, Ramón Menéndez Pidal, Gabriela Mistral, José María Ots Capdequí, Armando Correia Pacheco, Francisco Miró Quesada, Francisco Romero, João de Scantimburgo Filho, Miguel de Unamuno, Pedro Henríquez Ureña, Washington Luís, Alceu Amoroso Lima, Manuel de Oliveira Lima, etc.

Como se pode observar a partir dessa simples enumeração de nomes, bem como do conteúdo das cartas, duas características deduzem-se da correspondência passiva de Fidelino de Figueiredo: o seu universalismo intelectual, que o levou a manter diálogo constante com espíritos das mais diferentes tendências e o seu profundo humanismo, sempre presente na sua preocupação pelos problemas que afetam o sentido da vida humana.

Organizar uma correspondência tão ampla e tão variada não foi trabalho fácil, conforme confessa Herti Hoepfner Ferreira: "Para inventariar as espécies foi preciso, naturalmente, decifrar assinaturas, em sua maioria desconhecidas para mim; mas nessa árdua e às vezes impossível tarefa colaborou, com dedicação e amor, Helena de Figueiredo e Amora. Muitos escritores ela conheceu na intimidade do pai em Lisboa; de outros ficaram-lhe na memória os nomes ouvidos em comentários de família. Assim, neste meu trabalho, sua cooperação foi inestimável. A ela meus agradecimentos" [apud García Morejón, 1967: 68].



Fidelino de Figueiredo, catedrático da USP.

A biblioteca de Fidelino, embora ele quisesse doá-la à USP, terminou sendo doada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que em outubro de 1979 formalizou o recebimento, a fim de abrir a sala *Fidelino de Figueiredo*, junto à sala *Leite de Vasconcellos* (em memória do grande filólogo português, mestre de Fidelino). Por motivos burocráticos tornou-se impossível a almejada doação da biblioteca de Fidelino à USP. A família conservou zelosamente essa biblioteca, integrada por 25 mil livros, entre os quais figuram todos os escritos publicados pelo autor [Amora, 1979].

Salientemos, para terminar esta primeira parte, duas apreciações sobre a obra e os últimos anos de Fidelino de Figueiredo. Segundo o professor Soares Amora, a obra do pensador português pode-se dividir em duas grandes partes: de cunho literário ou de crítica literária, e de cunho filosófico no sentido amplo, quer dizer, no sentido de uma reflexão em maior profundidade sobre a problemática humana, sem maiores pretensões de sistematização.

Para Soares Amora, Fidelino de Figueiredo é um pensador oitocentista. Tanto a sua concepção um pouco conservadora do liberalismo político, quanto a sua percepção da realidade social e a preocupação por reivindicar uma dimensão espiritualista do agir político, são manifestações desse espírito, que coloca a obra figueirediana numa dimensão muito próxima daquela de Alexandre Herculano. Outro elemento de semelhança com Herculano é a visão crítica que Fidelino tem em relação ao homem na sociedade, baseada numa crítica à preterição dos valores espirituais [cf. Amora, 1979].

Antônio Soares Amora salienta a importância que teve a figura de Antero de Quental na obra de Fidelino de Figueiredo. A raiz da reflexão figueirediana sobre a morte, que a partir da década de 40 irá se aprofundando progressivamente na sua obra, é decorrente desse influxo de Antero, cuja obra foi, aliás, profundamente conhecida pelo nosso autor. Dois fatos iriam se somar, posteriormente, na década de 50, a essa preocupação de origem anterior pela morte: a doença incurável que o atacou (paralisia progressiva, que lhe impedia inicialmente caminhar e que, nos últimos anos, dificultou-lhe até a fala) e a morte de uma das suas filhas em São Paulo. Provavelmente, segundo Soares Amora, esses fatos, bem como o influxo de Antero, são responsáveis por essa vertente de pensamento de Fidelino de Figueiredo [cf. Amora, 1979].

Mesmo na doença, Fidelino continuou a se comunicar com os seus amigos e recebendo deles o apoio moral que tanto valorizava o ilustre mestre. Uma prova disso, entre muitas, é a carta que em 18/12/52 dirige ao amigo o poeta Manuel Bandeira, de Rio de Janeiro: "Querido amigo e mestre Fidelino: A sua última carta, de 19 de setembro, dizia-me a intenção de voltar em outubro ao Hospital de Santo Antônio, do Porto, para continuar o tratamento de que lhe adviera alguma melhora. Espero que assim tenha sido e que o meu bom amigo esteja hoje devolvido ao seu *old self*. É o melhor voto de natal que lhe posso fazer (...)".

2) Aspectos da infância e da primeira formação na escola

A biografia interior de Fidelino de Figueiredo é, para o meu propósito, mais importante do que a simples enumeração dos fatos que aconteceram na sua vida. O próprio Fidelino nos relata dessa forma, no estilo das *nivolas* unamunianas, a sua infância e primeira formação. Faz ênfase não em fatos mas em sentimentos. Analisemos, junto com o nosso autor, alguns aspectos dessa autobiografia interior.

Fidelino se define, fundamentalmente, como colecionador de angústias. E a imagem que mais gosta de traçar da sua infância é a do pequeno colecionador das angústias que lhe depara a vida cheia de mistérios: "(...) Recortando soldadinhos de papel ou formando-os em parada sobre a mesa, e trauteando por entre dentes marchas militares, o pequeno estava na

realidade a reunir a sua coleção de angústias, não a compor batalhões de soldados para simular uma guerra dos espanhóis com os norte-americanos ou dos *boers* com os ingleses. Outra guerra o interessava mais: a guerra com os mistérios da vida. E à noite, na sua caminha, às escuras, recapitulava as aquisições do dia, ao mesmo tempo que se entretinha a interpretar as formas fantásticas desenhadas pela luz que vinha da rua, através da janelinha da casa de fora" [Figueiredo, 1951a: 31].

É a rua o cenário principal desse encontro angustiante entre o pequeno colecionador e o mundo. Eis a forma, verdadeiramente poética, em que o autor descreve os seus sentimentos de menino frente ao mundo: "(...) Aquela rua foi o seu primeiro universo e a sua grande escola para aquelas noções que jamais se apagam da alma, antes se vincam sempre e crescem com ela, como se ampliam indelevelmente as inscrições na casca das árvores. Com os materiais ministrados pela rua é que elaborou a sua primeira enciclopédia e a sua primeira imagem da vida. Todos os nossos conhecimentos tendem, em qualquer altura, a formar um todo cíclico e a conduzir o nosso comportamento. Sentado sobre os degraus da porta do casebre, sapatos de couro amarelo, bibe de riscadinho azul, o pequeno via correr o intenso drama da rua, tecido de mistérios, enigmas e irracionalidades, e tudo interpretava em angústia -- a angústia de não entender, não saber corrigir, não poder queixar-se ao menos. Pairava num estado de vago descontentamento e apertava-se-lhe o coração, como se aperta ao marujo que da praia adivinha tempestades no oceano que tem de singrar num frágil barquinho" [Figueiredo, 1951a: 23].

Porém, como reconhece o próprio autor, embora desejasse submergir-se no vasto oceano do mundo, não lhe era permitido em virtude de um esquema de formação solícito demais *mas sem instinto educativo*: "Aquela posição de espectador era a sua posição predileta, frisa Fidelino, não querendo confinar-se na janelinha de guilhotina, que lhe doeria os bracinhos, e não lhe sendo permitida a liberdade de acamaradar com o rapazio da rua. Vivia em casa de uma ama seca, afetuosa, solícita, mas sem instinto educativo. Tudo fazia e dizia em frente da criança, mas guardava-a com escrúpulo. Ele não pertencia à casta inferior que povoava a rua. Estava ali meio escondido. Era talvez um príncipezinho encantado, que uma rainha louca tivesse deixado na clareira de um bosque, à espera de uma ninfa providencial. Não ia à rua. Os pátios fundos, o prédio avaro das freiras e o muro afortalezado de em frente eram cheios de perigos" [Figueiredo, 1951a: 24].

Quem era essa "ama seca, afetuosa, solícita, mas sem instinto educativo"? Realmente não foi possível esclarecer na minha pesquisa essa pergunta, nem tinha muito interesse a questão. O mais importante, do ponto de vista desta *biografia interna*, é constatar os sentimentos do autor, bem como os efeitos que daí decorreram para a sua posterior concepção do mundo. A *ama seca* contribuiu, com os seus exagerados cuidados e a atmosfera de *nebulosidades pardacentas* que a rodeava, a fazer nascer na.

alma do nosso autor a vontade ilimitada de liberdade e a *ardente apetência das planuras luminosas*. Reação que Fidelino atribui ao seu caráter *voluntarioso e reto*. Eis as suas palavras: "A ama seca, guardiã fiel de todas as suas palavras, não terá gostado, porque também se dizia tão amiga do seu pequeno hóspede, como se fôra mãe. Ele lembrava-se de tudo isso, dessa fartura de afetos e de cobiça. E tudo isso era uma angústia nova., Quando recebia a visita de três senhoras iguais no rosto, no porte e no falar, todas de luto e ar consternado por dor ainda recente, o pequeno sentia a amargura inconfessável de ter tantas mães, três ou quatro em vez de uma só -- uma só e toda para ele, para cobrir de beijos e lhe abrir o coração com todas as suas ansiedades misteriosas, o cofre das suas angústias: -- Mãe, não percebo, não sei, tenho medo! -- O grito do nadador incipiente, no meio das águas revoltas, já longe da terra firme. Dessa atmosfera de nebulosidades pardacentas, que lhe desfiguravam e ocultavam as coisas simples em refegos meio misteriosos, é que lhe veio mais tarde, pela reação do seu caráter voluntarioso e reto, a ardente apetência das planuras luminosas, expostas a todos os ventos e submissas a todas as correrias da liberdade com os seus inebriamentos" [Figueiredo, 1951a: 31-32].

Esse *vasto curiosear deambulatório* achou inspiração, na sua mocidade, na figura de Carlos Fradique Mendes (1834-1888), a quem Fidelino chama de *bom tio Fradique* e de quem aprendeu a ser *cidadão do mundo*. Não podendo ainda ser observador da vida na terra toda, como Fradique, o moço Fidelino contentar-se-ia com um *espiolhar arqueológico* da sua Lisboa: "Passaram os anos -- diz Fidelino -- . E o momento chegou em que a gente moça procura um modelo para ordenar o seu caráter, os seus gostos e as suas idéias, como procura um espelho para se pentear e fazer a gravata. O figurino direto da minha geração, enquanto na sua fase indiferenciada de homogeneidade juvenil, foi esse bom tio Fradique. Mas a sua elegância fidalga e a curiosidade ociosa com que pairava acima dos negrimes da vida, só para lhe sugar o doce mel das idéias, não eram acessíveis a uns pobres estudantes condenados à corvéia do concurso e do emprego público, e ao despotismo do diretor geral (...). O vasto curiosear deambulatório, que em Fradique teve por perímetro a Terra toda, em nós limitou-se naqueles dias a um espiolhar arqueológico de alfamas e mourarias, com tortuosas vielas e pitorescas fadistics. Quando há poucos anos uma grande empresa de caminhos de ferro me pediu para a sua propaganda de turismo uma descrição de Lisboa, a coisa saiu-me de uma penada -- tão pacientemente metódicas haviam sido minhas viagens por bairros mouriscos e velharias típicas! Assim substituíamos nós o babismo, a Índia, o Egito, a China pelo mofo dos museus lisboetas..." [apud Pereira, 1962: 430]. O *vasto curiosear deambulatório* levaria o moço Fidelino, anos mais tarde, a procurar as *planuras luminosas* do Brasil e a levar a sua mensagem humanística também aos Estados Unidos.

Esse universalismo figueirediano corre paralelo com uma rejeição sincera do espírito de partido, que é contrário à criação cultural. Tal espírito

foi conhecido por Fidelino já na sua mocidade, e foram os mestres que lhe ensinaram, com a sua intolerância, a negatividade do sectarismo partidista, vício ao qual jamais aderiu o nosso autor. "Havia lá -- testemunha ele --, mestres insignes pelo renome em suas especialidades científicas e pelo relevo na ação social, e havia-os também anônimos em ambas as direções, pequenos burocratas do ensino. Desses não reza a história. Foram os grandes que me ensinaram muita coisa útil, até pelo contraste ou pela inversão dos seus exemplos. Dos grandes tudo é útil, até o mal, pelas suas proporções ou pelo pensamento interior que o anima ou ainda pelas reações que suscita. E esse foi o fruto que extraí do seu mal. Eram hiper-críticos na apreciação dos valores nacionais, tanto os da história passada como os da contemporânea; semeavam no coração dos discípulos um pessimismo negativista que nos levava ao desalento abúlico: - Somos uns inferiores, nada saberemos ou poderemos fazer. Não vale a pena tentar qualquer empreendimento -. Era a conclusão que deduzíamos das suas preleções, quando deixávamos as salas de aula sobrepondo o chapéu ao capacete doloroso que nos apertava as frentes. Vindo a ser professor, jamais desanimei o espírito de iniciativa e a confiança dos estudantes em si e na pátria, sem também recair no narcisismo patrioteiro que depois grassou. Eram inimigos uns dos outros, desprestigiavam-se reciprocamente nas aulas. Havia ódios famosos nos anais escolares, como os de Teófilo, Adolfo Coelho, Epifânio, Pinheiro Chagas. Pois sempre me lembrei desse espetáculo triste, dessa abusiva interpretação da liberdade de cátedra, e jamais pronunciei uma palavra aos meus discípulos contra outros mestres. Até a discordância doutrinária a dissimulei algumas vezes. O trabalho da cultura é trabalho de cooperação leal, em que dá cada um o que pode e recebe tudo que se conquista em definitivo. Não se deve apoucar o óbolo de cada colaborador, nem presumir sobre os sentimentos íntimos com que o dá" [Figueiredo, 1951a: 56].

Não sem intensa luta o nosso autor conseguiu superar, porém, o espírito de partido que reinava na escola. Foi todo um esforço para *desaprender* as lições de sectarismo que recebera. E já na maturidade Fidelino se perguntava si tinha conseguido superar a pregação sem tréguas da escola: "De modo que era preciso inverter tudo que o ambiente da escola nos ostentava: relações entre os professores, relações destes com os alunos, relações entre os próprios alunos, e até as relações com a pátria, com tudo que ela significava como tesouro comum e mundo de promessas e expectativas. Um individualismo anarquista e céptico de tudo, prematuramente céptico da pátria que mal conhecíamos, porque não havíamos vivido, e da profissão, da ciência e da vida, -- era tudo que se aprendia ali, que aprendiam e iriam depois ensinar os jovens professores, lado a lado com as noções mortas dos programas das disciplinas escolares. E foi, justamente, o que depois tratei de desaprender. Mas quantas angústias não custou essa luta e esse labor ingente de fazer que más sementes não produzissem frutos envenenados! E terei sempre triunfado nessa peleja? Suspeito que na minha posição perante a obra de Teófilo, sem injustiça, mas também sem brandura, sobreviveu alguma coisa da pregação sem tréguas de Adolfo Coelho. Quando aquele morreu,

pronunciei na Academia um discurso à margem das lições da sua vida. E havia ainda, em tudo que disse, esforços de defesa contra a negregada influência da escola e da sua atmosfera de malquerenças" [Figueiredo, 1951a: 58].

Em que pese, porém, os aspectos negativos da formação recebida por Fidelino na escola, ele lembra esses anos *com coração agradecido*, sem guardar qualquer ressentimento e procurando traduzir a sua reação em diligência para compreender a juventude. O seu espírito crítico seria o meio através do qual o nosso autor conseguiu pairar acima de quaisquer sentimentos negativos. "E assim -- escreve Fidelino --, durante muitos anos, foram rebolando no meu coração agradecido os ecos das lições daqueles mestres, uma vez acatadas com a polidez do historiador da escola, o senhor Busquets de Aguiar, outras vezes invertidas em reação salutar mas assim mesmo procedente deles, e outras ainda vivificadas em justificação mais compreensiva ou de mais largo alcance, porque o destino me ofereceu termos de comparação. À lição da escola e à contradição da consciência veio sobrepor-se uma super-lição de espírito crítico -- último eco daquelas ladainhas aziuadas do meio claustro baixo, de arcos fechados com vidraças pregadas, que mal deixavam ver as nespereiras farruscas da jardineta e bem guardavam os fedores do urinol ferrugento, esquecido no seu recanto. Nunca houve escola que mais se apartasse da juventude que este sonolento instituto. Todavia dali me veio o impulso inicial para a incessante diligência de compreender a juventude -- o divino tesouro" [Figueiredo, 1951a: 64].



O escritor espanhol Miguel de Unamuno (1864-1936), que consagrou o estilo da *autobiografia interior* ou "nivola", gênero cultivado por Fidelino de Figueiredo.

Quanto à sua educação religiosa, Fidelino de Figueiredo impressionou-se, desde muito cedo, com a fria distância institucional da religião praticada nos conventos. O pequeno colecionador de angústias tinha dificuldade em entender porquê essas instituições permaneciam fechadas face às necessidades dos humildes. Eis a forma em que o autor caracteriza os seus sentimentos de menino, perante o convento que ficava perto da sua casa: "Que era uma casa religiosa, toda a gente o sabia, mas por que tinha de ser a religião ali praticada coisa tão orgulhosamente distante dos humildes que rodeavam a casa muda -- é que ninguém compreendia, a principiar pelo

pequeno colecionador de angústias. Jamais a apressada mão ebúrnea, que mal saía da manga farfalhada para entreabrir a porta, se estendeu com uma côdea de pão ou uma xícara de leite ou um afago ou uma carícia para alguma miséria mais confiada ou mais tocante, que puxasse o ensebado cordão da campainha. Era um prédio voraz. Todos entravam, tudo entrava e ninguém e nada de lá saía. Era um constante entesouramento de haveres e pessoas. Havia lendas sobre os caixotes e os pacotes que se sumiam ali dentro (...)" [Figueiredo, 1951a: 31].

Do pai, *militarão generoso e jovial*, o nosso autor receberia uma lição: a religião como culto e o culto como serviço. No seu livro *Diálogo ao espelho* [Figueiredo, 1957a: 55-56] Fidelino traz a seguinte descrição a respeito dessa influência paterna: "Meu pai, militarão generoso e jovial, da religião só via o culto; e o culto era matéria de serviço. Muitas vezes o vi entrar na igreja da freguesia, à frente do seu regimento, para a missa. Encantava-me essa missa, pelo seu aparato marcial: no altar-mor uma guarda de honra, de baioneta armada, e no momento da elevação os toques de corneta, a alertar as almas, como numa antecipação do chamamento para o juízo final. Eu ia esperar a tropa no adro e rever-me no pai rebrilhante, com o colar da sua Torre Espada. E ele dava-me um sorriso, mais dos olhos que das faces, e fazia-me um aceno com a espada".

Se a influência paterna na formação religiosa tinha-lhe oferecido um exemplo de formalismo cultural, mais profundo seria o influxo recebido por Fidelino da religiosidade materna, voltada para o culto da *Rainha Santa*. A formação religiosa recebida da mãe ampliou o primeiro contato do nosso autor com o catecismo tridentino e, o que é mais importante, alicerçou o sentimento de dignidade em fundamentos religiosos. Eis as suas palavras a respeito: "Falei do meu primeiro contato com o catecismo tridentino ou de Carlos Borromeu, porque ele formou também a comunicação principal entre mim e o teologismo do ambiente. Minha mãe ampliou-o um pouco ao fazer-me praticar o culto, atrativamente poético pela sua auréola de lendas, da Rainha Santa. A bondosa tolerância do seu coração e a sua ternura só pensavam noutro culto mais alto e mais próximo de Deus: o culto da inteligência. A Rainha Santa protegia a inteligência dos seus afilhados. E minha mãe, na modéstia do seu viver caseiro, só tinha uma aspiração: que seu filho chegasse aonde ela, com toda a sua dedicação e energia moça, não conseguira que chegasse nenhum dos seus irmãos. Neste sonho, além da espontânea elevação do seu espírito, devia haver influência do brilho da posição política e social do seu padrinho de batismo, o Conselheiro Mendes Leal, um autodidata e lutador, que só pelo ascendente da inteligência chegara a dramaturgo aplaudido, acadêmico, embaixador e ministro de Estado, e partindo de mais baixo. Meu avô era oficial reformado; e o seu compadre eminente era filho de um músico proletário" [Figueiredo, 1957a: 54-55].

O exemplo de dignidade alheia a qualquer compromisso com o sectarismo político ou com a riqueza, foi um belo exemplo que Fidelino

aprendeu do Conselheiro Mendes Leal, através da cálida lição materna. Eis o testemunho do nosso autor: "Nunca minha mãe me louvou a riqueza ou exortou a lutar pela sua conquista e pelos gozos e privilégios, que ela confere. Mas muitas vezes, comigo sentado nos seus joelhos, me contou histórias da vida e dos triunfos de Mendes Leal, salientando sempre a humildade da sua origem e a fidelidade modesta que ele guardava a essa origem. Essas histórias, que tanto e tanto me emocionavam, exerceriam sua influência no meu destino" [Figueiredo, 1957a: 55]. Pode-se afirmar, sem exagero, que a vida de Fidelino de Figueiredo resume-se num exemplo de dignidade. Tão profundo foi o influxo materno na formação do seu espírito.

Em que pese as limitações econômicas enfrentadas pelo nosso autor na sua infância, e apesar da superproteção recebida da ama nos seus primeiros anos, Fidelino reconhece que não experimentou coações espirituais. Essa era, aliás, segundo ele, uma das boas características da sociedade portuguesa da época, alheia ao nefasto influxo da propaganda. *A liberdade de pensar, sentir e julgar*, que tiveram o nosso biografado e a sua geração, era mais importante do que o conforto programado da sociedade atual. Estas são as suas palavras a respeito: "Deste modo não foi em som de guerra ou de rebeldia, como quem ovante ou amargurado se solta das grades, foi com plena facilidade e simplicidade que se me definiu o sentimento da finitude total da vida, encanto, beleza e segurança da existência humana. Sofri limitações da pobreza, mas nunca me oprimiram coações espirituais. Naquele tempo ainda se não inventara essa maldita propaganda, com sua técnica de corrupção psicológica da juventude e das massas ingênuas. Não tínhamos automóveis nem eletricidade, mas usufruíamos completa liberdade de pensar, sentir e julgar. A própria infância parecia impermeável a quaisquer influências de domínio. Bastava observar as crianças à saída das escolas e da catequese das sacristias: pareciam touros libertos do curro, a correr numa embriaguez de ar livre e de movimentação. Não tínhamos nem eletricidade, mas tínhamos homens livres. E a presença de meia dúzia de homens livres, que sabem fazer uso superior dessa liberdade na criação de pensamento, beleza e saber, assinala mais dignamente uma época e um povo do que a difusão do bem-estar médio com suas necessidades supérfluas" [Figueiredo, 1957a: 56-57].

É por isso que Fidelino se auto-definido unamunianamente como *livre sentidor*: "Assim, sem dominadoras influências do meio social ou da escola, nem coações domésticas, pude sentir livremente, ler livremente, e contentar livremente os meus instintos intelectuais. Fui bem um *livre sentidor* -- atitude que Unamuno apõe com neologismo seu a livre-pensador. Pelo contrário, algumas sugestões dos ambientes que freqüentava me apoiaram na espontânea tendência" [Figueiredo, 1957a: 56].

Essa liberdade de que Fidelino gozou para experimentar a vida na sua infância e juventude, gozou-a para ter o seu primeiro encontro com a Morte: "(...) Quando o avô morreu -- escreve o nosso autor -- houve sentimento profundo, mas sem manifestações lúgubres ou mórbidas. Aos noventa e dois

anos a morte não é uma surpresa, é um sucesso legitimamente lógico. E na roda mais modesta de uma velha ama, que eu freqüentava, não escondiam os mortos em cenários macabros e inacessíveis a crianças e mantinham a tradição pagã das visitas ao cemitério, para ajardinar os covais, sem lágrimas, nem suspiros pela vida eterna, antes com o escorripichar de vinho e molhar nele bolachas ou pão-de-ló" [Figueiredo, 1957a: 56]. A partir dessa característica da sua formação, que o familiarizou desde cedo com a morte, podemos entender a serenidade que configura o estoicismo figueirediano e que se refletiu na sua concepção filosófica da finitude humana.

Anotemos, para terminar este item, uma outra experiência do nosso *coleccionador de angústias*: a sua primeira percepção da violência humana, que posteriormente desenvolveria nas reflexões sobre a revolução espanhola e a corrida armamentista norte-americana. Eis a forma em que o menino Fidelino defrontou-se com a guerra do homem contra o homem, no cenário da rua: "Justamente ao alto da rua, naquele cotovelo prometedor de ignotos mundos, havia um renque de muros hostis, muros de quintais, grossos e altos, com o rebordo crivado de cacos de copos e garrafas, agudos como lanças em riste. Quando esses muros passavam ao lado da coluna de algum candieiro público alteavam-se em corcova e os cacos eram maiores, mais ameaçadores que espadas e frechas na esplanada de um castelo, no momento dum assalto. O pequeno perguntava a si mesmo a razão de todo aquele aparelho bélico. Para afugentar os gatos não era, porque eles circulavam à vontade ao longo do muro e até corriam, se alguma pedra os afugentava. Seria para guardar as couves humildes, as uvas da parreira e as nêspersas de dentro? Então os donos preferiam ver um assaltante esfomeado ou atrevido esfarrapar as carnes nos cacos a perder um cacho de uvas ou uma alface! E foi essa a primeira noção do permanente estado de guerra do homem contra o homem" [Figueiredo, 1957a: 107].

3) *Sensibilidade estética*

Quem tiver lido *Um coleccionador de angústias* não pode negar que Fidelino de Figueiredo foi um grande escritor que soube comunicar a sua vida interior em belas imagens e conseguiu dar à sua língua possibilidades muito ricas de expressão. Fidelino tinha alma de artista. Ele próprio testemunha sua sensibilidade estética ao comentar, em *Diálogo ao espelho*, o gosto lúdico que experimentava com a música: "(...) Para a gente comum -- escreve Fidelino -- a música sempre ostenta certo caráter simplesmente distractivo ou mesmo festivo, que envolve uma opinião de leviandade sobre quem se dá imoderadamente a ela. Uma variante do alcoolismo ou do jogo. Já minha mãe, com toda a sua benevolência, dizia há dezenas de anos: - em casa de meu filho é sempre dia de festa. E no seu sorriso havia uma ligeira advertência. Naquele tempo toda a minha música se reduzia ao piano caseiro. Mas não o escondia na sala de visitas, coberto por um pano oriental e objectozinhos de *bric-à-brac*, numa atmosfera de mofo. Todos os dias se

ouvira e bem à vista. Esse o motivo de estranheza. A audição musical era coisa de sueto festivo (...)" [Figueiredo, 1957a: 107].

Para Fidelino de Figueiredo a arte, longe de constituir uma simples imagem do real, é fundamentalmente uma supra-realidade em que o mundo ganha vida nova, graças à perpetuidade dos valores criados pela poesia: "(...) Certos críticos -- afirma Fidelino -- sobretudo nos países de língua inglesa, e mais na América do que na Europa, distinguem entre literatura e vida, música e vida, considerando estas duas artes como dois planos inferiores ou artificiais ou subjetivos do mundo. E dizem do espírito, que se afunda no oceano da experiência condensada em arte, que ele está *more inclined toward the world of literature than to that of reality*. Enganam-se redondamente, como se enganam os que só sentem o canto através da letra e querem ouvir as óperas italianas em traduções. Há dois planos, mas noutra relação hierárquica: realidade e supra-realidade ou vida e arte. Quando críticos eminentes, como Roberto F. Giusti e János Hankiss, articulam os dois planos, literatura e vida, em obras profundas, rendem-se à perpetuidade dos valores criados pela poesia, que suprime o tempo e cristaliza paisagens espirituais de beleza imortal, infensas às variações arbitrárias do fluir cotidiano" [apud Pereira, 1962: 298].

Manuel Bandeira, em carta endereçada ao amigo Fidelino em junho de 1951, reconhecia com estas palavras a capacidade criadora do nosso autor: "Venho agradecer-lhe a oferta de *Um colecionador de angústias* e a honra que me deu fazendo-me portador do exemplar oferecido à Academia (...). Li deliciado todos os capítulos, inclusive aquele profundo *Retrato da Morte*, que, quando o li no jornal, me impressionou tanto, ao ponto de me levar ao pleonasma de *chover no molhado*, pois para que passar para a poesia o que já era poesia, e da melhor, e na melhor forma? O que houve foi apenas intenção de mais uma vez prestar homenagem ao grande escritor que tanto admiro (...)"

Um outro testemunho, de Robert Ricard, vem salientar a capacidade artística de Fidelino de Figueiredo: "Entre la familia espiritual de San Pablo, Santa Teresa y Pascal, por una parte, y la de Voltaire, Renan y Anatole France, por la outra, seguramente Fidelino Figueiredo no vacila, y prefiere la primera, la de las *Almas regias*, a quienes la profundidad de la conciencia y de los sentimientos confiere una indiscutible superioridad artística -- indiscutible, se entiende, para los que vem com claridad y se aplican a mirar de buena fe" [apud García Morejón, 1967: 9-10].

4) Valorização da amizade

Ponto importante na vida de Fidelino de Figueiredo é a valorização que sempre deu à amizade. Descrente da existência de uma vida futura, além da morte, Fidelino reconheceu que na amizade reside a luz animadora da vida humana. E viveu profundamente essa convicção. Nos seus últimos anos fazia

esta bela confissão: "Sou sempre amigo dos meus amigos, com livros e sem livros, com cartas e sem cartas, com visitas e sem visitas, de perto e de longe. Nesta altura de retiro e reflexão a presença real das pessoas e das coisas já não é imprescindível. Os velhos amores e as velhas amizades são-nos supridos pelas recordações. E desse tesouro acumulado nos vem o calor que nos conforta -- como das estrelas há muito extintas nos chega ainda a luz animadora" [Figueiredo, 1957b: 33].

A vasta correspondência é a prova mais clara desse alto conceito em que Fidelino tinha a amizade na sua vida. Como afirma Herti Hoepfner Ferreira, "as cartas atestam também as atividades do jornalista, do tradutor, do político que foi Fidelino de Figueiredo; e caracterizam o homem que apreciava tertúlias acadêmicas, conversas de café, reuniões sociais. Mostram o carinho e a admiração de companheiros ilustres e humildes, revelados em diversas ocasiões; como a do atentado que sofreu quando diretor da Biblioteca Nacional de Lisboa e a do exílio na África, por motivos políticos. Estas prosas rápidas, muitas vezes singelas, pitorescas, espontâneas, outras vezes elegantes, cerimoniosas, ajustam as linhas de uma existência humana intensamente vivida na solidão reflexiva e em comunidade. Compreensivo para os simples, atencioso com quem lhe solicita apoio, auxílio, ouve dúvidas, temores, lutas, queixas, alegrias, tristezas, aspirações. Esses papéis são um precioso documentário humano. Pessoa humana e humaníssima, Fidelino de Figueiredo colocou a amizade entre os mais elevados sentimentos (...)" [apud García Morejón, 1967: 73-74].

A amizade de Fidelino levou-o a ser solidário com os seus amigos ao longo dos anos e em todas as circunstâncias. E não só personagens importantes receberam a amizade do nosso autor. Jovens intelectuais, como Carlos de Assis Pereira, que depois organizaria o *Ideário crítico de Fidelino Figueiredo*, experimentaram a solícita dedicação do *mestre e amigo*, como costumava chamá-lo o escritor Manuel Bandeira.



O poeta Manuel Bandeira (1886-1968), amigo de Fidelino de Figueiredo.

Em carta datada no Rio de Janeiro em 23/5/43 escreveu o poeta ao nosso autor, em relação ao jovem professor Carlos de Assis Pereira, de quem Fidelino era mentor intelectual: "Sua encantadora carta de 21 do corrente choveu no molhado, pois saiba o meu amigo que vai para um mês o anáglico

e lento Carlos de Assis Pereira se ocupa remuneradamente de pôr em ordem e em catálogo a minha biblioteca. Além disso, ando diligenciando por ver se interessa os meus amigos em arranjar-lhe alguma colocação como professor. Quero bem ao Carlos e a sua paternidade reforça todos os motivos de afeto e estima que ele me inspira".

A preocupação solícita dos dois velhos amigos pelo jovem pupilo estende-se por anos. Em carta datada no Rio de Janeiro em 2/8/43, escreve Manuel Bandeira: "O nosso Carlos de Assis Pereira anda contentíssimo nas funções de catedrático interino de Literatura no Pedro II. A cadeira ficará extinta no fim do ano, mas é muito provável que ele seja aproveitado como professor de português (...)". Em carta datada no Rio em 2/8/49, o poeta informava ao amigo residente em São Paulo: "Anteontem, depois do jantar, fiz a minha primeira visita ao nosso afilhado casal Carlos de Assis Pereira. A moça me pareceu bastante saudosa de São Paulo; Carlos sempre com aquele seu ar de professor menino. Naturalmente falamos do *coleccionador de angústias* com a admiração e o afeto de sempre". Em 1/5/50 Manuel Bandeira continuava a informar ao mestre Fidelino sobre o comum amigo: "Estou em constante comunicação com o nosso querido pupilo agora pai de uma Cláudia, que entrou cesarianamente neste ingrato mundo. Não me parece que haja motivo de alarme no presente momento (...). Quando vem ao Rio? As saudades são muitas (...)".

A solidária amizade de Fidelino voltou-se, também, para Manuel Bandeira, com motivo da doença de surdez que afetou a este. Em carta datada no Rio de Janeiro em 6/9/50, escrevia o poeta: "Querido amigo Fidelino, muito obrigado pelas suas boas palavras da carta de 26 de agosto. Nessas horas de abafamento, como as que venho passando por causa da minha súbita surdez, é reconfortante sentir o afeto fraternal dos amigos que mais prezamos e admiramos (...)".

A solidariedade de Fidelino ao seu amigo Manuel Bandeira foi calorosamente correspondida pelo poeta. A fim de acalmar as saudades lusitanas do nosso autor, Manuel Bandeira compôs para Fidelino o belo soneto *A Camões*, que acompanhou da seguinte dedicatória, em carta datada no Rio em 23/6/42: "Aí vai, meu caro mestre e amigo Fidelino, o soneto que me pediu. Tenho sentido grandes saudades suas (...)". Vale a pena transcrever o poema de Manuel Bandeira:

A Camões

*Quando n'alma pesar de tua raça
A névoa da apagada e vil tristeza,
Busque sempre ela a glória que não passa,
Em teu poema de heroísmo e de beleza.*

Gênio purificado na desgraça,

*Tu resumiste em ti toda a grandeza:
Poeta e soldado... Em ti brilhou sem jaça
O amor da grande pátria portuguesa.*

*E enquanto o fero canto ecoar na mente
Da estirpe que em perigos sublimados
Plantou a cruz em cada continente,*

*Não morrerá, sem poetas nem soldados,
A língua em que cantaste rudemente
As armas e os barões assinalados.*

Em Fidelino achamos estreitamente unidas a sua amizade e a vocação de escritor. Como acertadamente frisou Herti Hoepfner Ferreira, "a extraordinária capacidade ativa e a vocação do escritor não absorveram o homem, embora a literatura fosse a função normal de seu espírito. Daí, Fidelino de Figueiredo dizer: *a minha amizade por toda aquela gente era bem funda e, nalguns casos, tão fundamentalmente fraternal que tem resistido às distâncias e aos imprevistos do destino*. E também, ao se pronunciar a respeito de um deles: *Como de tão longe e ao fim de tantos anos, o seu coração vibra em uníssono com o meu!*" [apud García Morejón, 1967: 71].

A amizade de Fidelino de Figueiredo com Manuel Bandeira levou o poeta brasileiro a se inspirar na descrição que o nosso autor fizera da morte em *Um colecionador de angústias*. A respeito, diz Fidelino: "Do segundo painel desse pequeno tríptico *desentranhou* Manuel Bandeira uma linda balada, *O homem e a morte*. Aqui lhe deixo um pensamento afetuoso" [Figueiredo, 1951a: 261]. Em relação ao seu poema, assim escrevia Manuel Bandeira ao nosso autor, em carta datada no Rio de Janeiro em 9/4/46: "Querido amigo: o nosso poema sairá no terceiro número da Revista *Província de São Pedro*, que se edita em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Foi vendido (e bem vendido) a ela, de sorte que não podemos deixar que apareça em outro lugar antes que apareça na Revista (...)". Em carta datada no Rio em 26/7/46, escrevia ainda o poeta: "Meu querido amigo e mestre Fidelino, recebi esta manhã o número de março (só agora saiu) da Revista de *São Pedro*. Lá está o nosso poema do *Homem e a Morte*. Nosso, mais do que meu, porque sua é a substância dele".

Conclusão

Ao terminar estes traços biográficos acerca de Fidelino de Figueiredo, devo lembrar que somente pretendi fazer uma rápida apresentação do homem Fidelino, que se apresentou a si mesmo como *coleccionador de angústias*, que sentiu de perto e em toda a sua universalidade as preocupações existenciais do homem contemporâneo e que, corajosamente consciente da finitude humana, tentou, na amizade, na realização da sua missão de escritor e no

culto à arte e aos valores espirituais, encontrar um sentido para viver com dignidade.

Nessa lição de dignidade, como frisei atrás, pode ser sintetizada a vida de Fidelino de Figueiredo. Nada melhor do que fazer minhas, aqui, as palavras do ilustre ensaísta português: "(...) Se a nossa obstinação em ver na morte o fim de tudo a todos vence, nada ganhamos, porque tudo acaba, mas também nada perdemos em ter vivido com dignidade; se a nossa obstinação é vencida, nada perdemos, porque possuímos uma honrada fé de ofício para exhibir como passaporte recomendatório, honrada porque fez da própria honra o seu objectivo único e ignorou todo o cálculo, toda a adulação e todo o medo. *Si vous gagnez, vous ne gagnez rien; si vous perdez, vous gagnez la valeur de votre vie...*" [Figueiredo, 1957a: 71]. Bela confissão do mais puro estoicismo lusitano.

Bibliografia e Documentos consultados

AMORA, Antônio Soares [1979]. *Entrevista concedida em São Paulo a Ricardo Vélez Rodríguez*. (10 de setembro de 1979).

AZORÍN. [1913] *La generación del 98*. In: ABC, Madrid, (edição do dia 10 de fevereiro de 1913).

FERREIRA, Herti Hoepfner. *Trajatória espiritual de uma correspondência* [1967]. In: Julio García Morejón, Dos colecionadores de angustias. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1967, pg. 68 seg.

FIGUEIREDO, Fidelino de [1907-1964]. Correspondência passiva São Paulo: USP - Centro de Estudos Portugueses.

FIGUEIREDO, Fidelino de [1932]. As duas Espanhas. Lisboa: Ed. Europa.

FIGUEIREDO, Fidelino de [1935]. Pyrenne. 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

FIGUEIREDO, Fidelino de [1944]. Sob as cinzas do tédio, romance de uma consciência. Coimbra: Nobel.

FIGUEIREDO, Fidelino de [1947]. Bajo las cenizas del tedio. (Prólogo de Robert Ricard). Buenos Aires: Espasa Calpe.

FIGUEIREDO, Fidelino de [1951a]. Um colecionador de angústias. 1ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

FIGUEIREDO, Fidelino de [1951b]. Viagem à Espanha literária. Rio de Janeiro: Tupi.

FIGUEIREDO, Fidelino de [1957a]. Diálogo ao espelho. Lisboa: Guimarães.

FIGUEIREDO, Fidelino de [1957b]. Um homem na sua humanidade. 2ª edição. Lisboa: Guimarães.

GARCÍA Morejón, Julio [1967]. *Dos coleccionadores de angustias*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis.

GINER DE LOS RÍOS, Francisco [1969]. *Ensayos*. (Seleção, edição e prólogo de Juan López Morillas). Madrid: Alianza.

PEREIRA, Carlos de Assis [1962]. *Ideário crítico de Fidelino de Figueiredo*. São Paulo: USP-Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

QUADROS, António [1990]. *Figueiredo (Fidelino de)*. In: *Lógos - Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa: Verbo. Vol. 2, pg. 559-563.

RICARD, Robert [1947]. *Prólogo*. In: Fidelino de Figueiredo. *Bajo las cenizas del tedio*. Buenos Aires: Espasa-Calpe.

VÉLEZ Rodríguez, Ricardo [1982]. *Traços biográficos de Fidelino de Figueiredo*. In: *Boletim*. Universidade Estadual de Londrina-Departamento de Ciências Sociais, no. 2 (1982): pg. 12-24.

Este ensaio foi publicado pela revista *Carta Mensal*, órgão da Confederação Nacional do Comércio (Rio de Janeiro), volume 45, no. 539 (fevereiro de 2000): pg. 36-63, com o seguinte título: "Traços Intelectuais de Fidelino de Figueiredo". O mencionado ensaio também foi publicado pela revista *Verbo de Minas*, órgão do programa de pós-graduação do Centro de Estudos Superiores de Juiz de Fora, número 3 (novembro de 1999): pg. 199-218, com o seguinte título: "Um representante português da Geração de 1898 no Brasil: Fidelino de Figueiredo". Resumo de mencionado ensaio foi apresentado como comunicação no Primeiro Congresso Ibero-americano de Filosofia, realizado em Cáceres e Madri, em Setembro de 1998.

